

# Considerações sôbre uma competição

## infantil de "Box Inglês"

Pelo Cap. Dr. Braulio Durvauld Martins

A educação física é um meio de desenvolver e aperfeiçoar os órgãos e as funções, de corrigir defeitos, visando a integridade da saúde, como escopo

único. Adaptam-se, porém, os diversos modos de desenvolvimento físico à necessidades diferentes e circunstâncias diversas, sob indispensável orientação de ordem científica. E', pois, deplorável que certos *instrutores* de ginástica, divorciados das mais elementares noções que regem o ensinamento da educação física, empolgados pelo efeito fugidivo de exhibições espetaculares, cometam erros grosseiros e de perigosas consequências, expondo, de modo surpreendente e temerário, aos mais sérios perigos, a saúde dos seus incautos educando, especialmente quando êstes são, como no caso a que me refiro, crianças em pleno desenvolvimento, ainda no delineamento da sua morfologia somática. Este treinamento físico de fim atlético, em lugar de higiênico, ministrado indiferentemente a crianças, só pode merecer as mais justas reprovações, por eminentemente anti-fisiológico.

Si exemplos desta natureza frutificam, si a educação física, especialmente a infantil, é entregue aos caprichos, às preferências, à mentalidade de cada um, renegamos, então, ao desprezo, todos os ensinamentos que nos vêm das ciências biológicas, sem os quais não se constroi de nenhum modo, obra digna de apreço e admiração; é a inversão da verdadeira finalidade da educação física, é a involução, é o insucesso, é o descrédito.

O Estado, a quem cumpre zelar pela saúde do povo, deve corrigir êsses erros nocivos, reprimir êsses abusos, uniformizando e centralizando todo o serviço de educação física, amparando êste grande problema, até hoje entregue a um punhado de propagandistas perseverantes cuja ação é sempre muito limitada. Da inexistência de um órgão centralizador dêste importante serviço é que nascem e se multiplicam essas faltas que disvirtuam, deturpam e até frustram a finalidade da educação física, que não é absolutamente esta de exhibir crianças em competições desportivas, sem meticuloso exame da natureza do desporto a que se vão entregar, sem o conhecimento exato da sua fisiologia.

A educação física contemporânea, com a sua finalidade médica e higiênica, é conduzida pelo estudo dos efeitos do exercício sôbre o organismo, ou melhor, pelo estudo dêstes efeitos em cada organismo, visto como, um mesmo exercício pode determinar, como é amplamente conhecido, reações orgânicas diversas em diferentes individuos. Só a fisiologia e a higiêne estabelecem regras na orientação do trabalho físico, na sua determinação, com o objetivo único e exclusivo de beneficiar o organismo e sem preocupações outras de porfia e de exhibição. Pretende essa educação outro fim que não o mero exhibicionismo, ou o deleite de espectadores, ignorantes. Especialmente na educação física infantil temos que atentar na necessidade única da criança que é o seu crescimento normal e a aquisição ou o aumento dêste incomparável capital: a saúde.

Assim compreendida, a educação física começa

obrigatoriamente pelo desenvolvimento elementar do músculo, pelo seu "desenvolvimento fascicular" e não pelas aplicações desportivas que repre-

sentam a fase complementar, final, desta educação. Esta orientação pedagógica na educação do corpo determina resultados benéficos e permanentes: permite um desenvolvimento muscular perfeito dos menores grupos de fibras musculares, assegura um complexo cérebro-espinhal, cujos neurônios desempenham uma função motora exatamente coordenada, crêa um campo pulmonar maior onde se intensifica o fenômeno da "hematose", aperfeiçoa as funções de eliminação, regula a adaptação progressiva do coração e do pulmão ao trabalho físico. E', pois, de modo lento e progressivo, por meio de exercícios adequados, que se procura desenvolver os órgãos da criança, ampliando a sua capacidade funcional, tornando-a, assim, capaz de, atingida a adultidade, ser indiferentemente corredor ou saltador, lutador ou boxeur".

Expor, porém, crianças, à prática de exercícios atléticos e de natureza violenta como o "box inglês", é não considerar devidamente, de um lado, o estado orgânico da criança, mesmo normal, e de outro, o esforço muscular geral, o controle cerebral, a atenção continuada, o conveniente desenvolvimento das funções respiratórias e circulatórias que requer esta prática desportiva tornando, por isso mesmo, o "box" um desporto de grande energia física e moral e só praticável depois de uma educação física preparatória completa.

Ninguém ignora que uma das condições necessárias ao "box" é a resistência aos traumatismos determinados pelos socos do adversário, visando sempre pontos especiais do corpo acima da cintura, especialmente as regiões do crânio e da face; golpes êstes inegavelmente perigosos pelos seus efeitos, inibição da respiração, comocão cerebral, etc., de acôrdo com o ponto do corpo atingido.

Ora, exatamente a criança é quem menos está apta para resistir a êstes traumatismos, especialmente o seu esqueleto deve ser poupado de toda ação traumática, pela razão muito conhecida de extrema maleabilidade de seus ossos. Ainda a repercussão cerebral e bulbar repetida, oriunda dêstes golpes, é nociva à saúde da criança e à sua integridade psíquica, quando não chega a ser fatal como já se tem verificado em outros países.

Ao meu critério, porém, seria dèsde logo contra indicada, sem apreciações outras, esta prática desportiva entre crianças, só atendendo a êste grave inconveniente: "*posição de guarda*".

Só esta posição defeituosa, esta atitude incorreta e condenável em que o desportista continuamente se mantém, com o fim de abrigar a face e o epigastro, dobrado sôbre si mesmo, recolhido o peito, flexionada a cabeça, encurvada a coluna vertebral (região dorsal) para frente, justifica, por si só, a inconveniência do uso dêste desporto entre crianças. A sua prática constante e abusiva (porque as crianças a todo momento, mesmo

fóra das horas de instrução tomam a "posição de guarda" desafiando-se mutuamente) determinam desvios da coluna vertebral, especialmente uma *curvatura dorsal para frente*, uma "giba", que é comum entre os praticantes destes desportos. Até mesmo os adultos procuram na educação física geral, em movimentos especiais de ginástica, desde o início do treinamento combater esse defeito físico peculiar a este desporto. Si entre adultos ha facilidade de deformação da coluna vertebral em *cifose e escoliose*, é muito fácil compreender que entre crianças este defeito físico é quasi inevitável. Acresce ainda que as crianças não raramente já apresentam curvaturas anormais da coluna vertebral, por diminuição da força dos músculos espinhais e inter-vertebrais, distensão dos dos ligamentos por estiramentos repetidos e prolongados, etc. Ora, exatamente a educação física deve, nesse caso, intervir para corrigir estes defeitos, melhorando a nutrição, aumentando o tonus muscular, corrigindo as más atitudes e não para agravá-los ou creá-los, como acontece com essa falsa educação física atlética para crianças, em que se as obriga a uma atitude deformante. Freqüentemente não se avalia, com o devido apreço, a prodigiosa maleabilidade dos ossos, especialmente durante o crescimento. O esqueleto modifica-se com extrema facilidade pela direção, pela intensidade dos esforços musculares. Essas modificações interessam até a sua estrutura íntima, ao seu "sistema trabecular", disposto em linhas que correspondam da maneira mais exata as "linhas de força" ou "trajetórias", podendo-se, facilmente, deduzir pelo curso destas, o esforço principal exigido ao osso. Um corte longitudinal do fêmur, por exemplo, mostra claramente no seguimento proximal, estas linhas de tração e de pressão. O exame radiológico determina a maneira por que o osso se adapta às suas funções: nas "deformidades", "anquiloses", "perturbações do crescimento", etc., os pontos submetidos a maior esforço modificam-se de acôrdo com estas exigências estáticas. Ainda a exploração radiológica prova como nas "anquiloses do joelho" são formadas novas "trajetórias" que significam exatamente a adaptação

do osso às suas novas funções. Por último, a imagem radiológica do "gemi valgum" e do "gemi varum" oferecem a mesma ilustração da adaptação da arquitetura ossea às exigências estáticas anormais. Estes exemplos elucidam como o osso apresenta uma "arquitetura funcional" própria, sujeita às suas funções mecânicas, o que determina modificações, não só na sua forma como também na sua estrutura interna. Orientam-se, pois, os ossos de acôrdo com os movimentos executados, a forma dos membros acomoda-se a natureza, dos exercícios, as curvas da coluna vertebral modelam-se de acôrdo com as atitudes.

Tudo isso indica e exige cuidados importantes para evitar a deformidade do esqueleto extremamente amoldável da criança.

Não só esta, porém, a contra indicação do "box" como desporto infantil. O sistema nervoso da criança não se encontra em condições de satisfazer a uma das exigências mais notáveis à prática deste desporto: resposta imediata às excitações sensitivo-sensoriais. Esta educação nervosa só é conseguida pelo desenvolvimento funcional gradativo da via motora nervosa que comanda o músculo. Só a repetição moderada do incitamento dos neurônios é que traz a excitabilidade mais rápida, com aperfeiçoamento da função neuro-muscular reflexa e inconsciente, desenvolvendo, ao mesmo tempo, a coordenação dos músculos que funcionam, uns em junção, outros em oposição, automaticamente, dentro de perfeita harmonia e sem excessos condenáveis de despesa. A falta desta educação motora acarreta um dispêndio de energia considerável que conduz as crianças, com facilidade, a um estado de fadiga, altamente prejudicial à sua saúde.

Também o coração e o pulmão da criança, com violência solicitados nesta prática desportiva não estão aptos para produzir este esforço que, mesmo entre homens, só é permitido, àqueles que tenham estes órgãos perfeitamente normais e convenientemente adaptados. O coração da criança é um órgão de grandes cavidades e de paredes muito fracas, sendo, pois, útil que as modificações cardíacas necessárias a esse esforço suplementar se processem de maneira metódicamente crescente, produzindo o aumento de volume deste órgão, o espessamento de suas paredes, o aumento da sua capacidade funcional, por meio de exercícios moderados, sempre intercalados de repouso. O coração da criança submetido a trabalhos violentos está, ao mesmo tempo, exposto a males irremediáveis: dilatação aguda do miocárdio, insuficiência cardíaca, etc.

Esta prática desportiva, pois, encerra, surpresas dolorosas, não só pela grande facilidade de acidentes graves de efeitos imediatos, como ainda pelos prejuízos tardios, pelos danos remotos que pode trazer a integridade da saúde, processados estes últimos na intimidade orgânica, lenta e traiçoeiramente. Esta aparente inocuidade a cuja sombra, com freqüência, desapercibidamente se desenvolvem, várias lesões orgânicas, notadamente do músculo cardíaco, representa, talvez, a enganosa razão que permite o uso deste desporto entre crianças. Do ponto de vista higiênico, que é o que lhes interessa, a sua prática, como desporto infantil, é reprovável, mesmo que se lhe procure mascarar a inegável nocividade com o capcioso argumento de que o "Knock-out" é evitado nas competições infantis.

Mesmo assim, quando isso fosse possível, não estariam sanados os seus inconvenientes, nem deixaria tão pouco de ser a sua prática uma adaptação à luta, desenvolvendo o espírito de combatividade da criança a sua resistência aos traumatismos, que estas são as qualidades desenvolvidas pelo "box", o que não representam, de nenhum modo, a finalidade da educação física infantil. Acresce ainda que a criança nessas competições é grandemente influenciada pela emulação de seus companheiros e pelo estímulo dos espectadores o que a obriga a excessos capazes de sacrificar, para sempre a sua saúde.

E' por estas razões que não me parece absolutamente justificável a realização dessas competições, cujos resultados para o organismo da criança se me afiguram prejudiciais, maléficos, profundamente perigosos.